

A Importância do Acompanhamento Paterno no Pós-Parto e o Exercício da Paternidade

The Importance of Parental Accompaniment During Postpartum and the Fatherhood

Derechos Sexuales y Reproductivos en el Campo de la Salud: Revisión Integrativa

Adriana Oliveira do Nascimento^{1*}; Paula Helena Rosa Marcelino²; Roseane da Silva Vieira³; Adriana Lemos⁴

Como citar este artigo:

Nascimento AO, Marcelino PHR, Vieira RS, *et al.* Fatores . A Importância do Acompanhamento Paterno no Pós-Parto e o Exercício da Paternidade. Rev Fund Care Online.2019.11(n. esp):475-480. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i2.475-480>

ABSTRACT

Introduction: The paternity must not be treated only from the legal obligation perspective, instead, particularly as a right of man to participate in the whole process. **Objective:** Analyzing the man's participation on the postpartum follow up and his relation with the parenting. **Methods:** It is a documental research having a qualitative approach in which it is found that more than half of the informing fathers participated on the care to the child either directly or indirectly, regardless of the complexity levels. **Results:** It has been seen that the fathers are more participative. This means that the parenting is breaking, at some point, with the traditional models of masculinity persisting until today. **Conclusion:** For this reason, it is crucial that men are stimulated to practice the fatherhood, as through it they can contribute to gender equality.

Descriptors: Fatherhood, Reproductive Rights, Sexual and Reproductive Rights.

RESUMO

¹ Graduanda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista do Programa de Educação para o Trabalho do Ministério da Saúde (PETSaúde – GraduaSUS).

² Graduação em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pós graduanda em UTI pediátrica e neonatal pela Faculdade Unileya. Enfermeira Intensivista CTI pediátrico (Rios D'or).

³ Graduação pela Instituição Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sanitarista pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (UFF).

⁴ Graduação em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense (UFF). Enfermeira sanitaria pela Escola Nacional de Saúde Pública (Fiocruz). Mestrado em tecnologia educacional para ciências da saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ). Doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro(UNIRIO).

Objetivo: Analisar a participação do homem no acompanhamento do pós-parto e sua relação com o exercício da paternidade. **Método:** trata-se de pesquisa documental com abordagem qualitativa, na qual se observou que mais da metade dos pais informantes participavam dos cuidados direta ou indiretamente, independente dos níveis de complexidade desses cuidados. **Resultados:** percebeu-se, então, que os pais estão mais participativos, o que leva a crer que o exercício da paternidade está rompendo, em certo ponto, com os modelos tradicionais de masculinidade que ainda perduram nos dias de hoje. **Conclusão:** Por isso, é de extrema relevância que os homens sejam incentivados a exercerem a paternidade, pois, através dela, eles contribuem para a desigualdade de gênero.

Descritores: Paternidade, Direitos Reprodutivos.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la participación del hombre en el seguimiento del post-parto y su relación con el ejercicio de la paternidad. **Método:** se trata de investigación documental con abordaje cualitativo, en el que se ha observado que más de la mitad de los padres informantes participaban en los cuidados directa o indirectamente, independientemente de los niveles de complejidad de esos cuidados. **Resultados:** se percibió, entonces, que los padres están más participativos, lo que lleva a creer que el ejercicio de la paternidad está rompiendo, en cierto punto, con los modelos tradicionales de masculinidad que aún perduran hoy en día. **Conclusión:** Por ello, es de extrema relevancia que se incentive a los hombres a ejercer la paternidad, pues, a través de ella, ellos contribuyen para la igualdad de género.

Descriptor: Paternidad, Derechos Reproductivos, Derechos Sexuales y Reproductivos.

INTRODUÇÃO

Na Atenção Primária em Saúde (APS), uma das áreas de grande atuação é a atenção à saúde sexual e reprodutiva. Muitas vezes, esta atenção tem sido mais focada na saúde reprodutiva da mulher, com predomínio do ciclo gravídico-puerperal, sendo os homens pouco envolvidos nessas ações.

Historicamente, desde os estágios primitivos da humanidade, a mulher cuidava dos filhos, enquanto os homens foram impulsionados a viver outra realidade, devido aos estereótipos e arquétipos que os levavam a abster-se dos cuidados com a prole, relacionados principalmente aos fatores culturais, sociais e históricos que aconteceram durante o decurso da descoberta da paternidade, cabendo-lhes o papel de criador e provedor financeiro.¹⁻²

Essa visão acerca da responsabilidade paterna no processo de criação e cuidado dos filhos começou a mudar a partir dos anos 50, com a entrada da mulher no mercado de trabalho e com os movimentos feministas dos anos 70, iniciando-se o declínio do poder patriarcal favorecendo o equilíbrio das relações entre o homem e a mulher na instituição familiar.

A partir do final do século passado, no Brasil, mais precisamente durante a Conferência do Cairo, em 1994, e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing, 1995, foi recomendada a inclusão dos homens no campo das investigações, intervenções e discussões na área relativa à saúde sexual e reprodutiva, até então voltadas

quase exclusivamente para as mulheres.³ No capítulo VII, parágrafo 7.3, do Programa de Ação do Cairo, os direitos reprodutivos estão definidos da seguinte forma:

Esses direitos se ancoram no reconhecimento do direito básico de todo casal e de todo indivíduo de decidir livre e responsabilmente sobre o número, o espaçamento e a oportunidade de ter filhos e de ter a informação e os meios de assim o fazer, e o direito de gozar do mais elevado padrão de saúde sexual e reprodutiva. Inclui também seu direito de tomar decisões sobre a reprodução, livre de discriminação, coerção ou violência.^{4:1995}

Atualmente, os homens ainda empregam a maior parte do seu tempo no sustento doméstico, e quando são requisitados para realizar alguma atividade com as crianças, por mais simples que possa parecer, como banho e alimentação, sentem-se deslocados, como se não pertencessem àquele lugar, o que acarreta uma crise de identidade quanto ao papel de gênero em associação com o novo papel de pai.⁵ Assim, faz-se importante o acompanhamento puerperal, visto que a presença do homem nas consultas de puerpério já o condiciona para o desenvolvimento dos cuidados, permitindo ainda que conheçam mais a respeito das fases do desenvolvimento da criança. Com isso, além de dar apoio à mulher, essa ajuda paterna proporcionará uma interação precoce e vigorosa entre o pai e o bebê favorecendo o crescimento saudável da criança. Significa dizer que a inserção do pai nos cuidados fará com que eles se sintam apoiados e estimulados para exercer essas ações.

Além disso, a ajuda paterna proporcionará uma interação precoce e vigorosa entre pai-bebê favorecendo o crescimento saudável da criança, além de dar apoio à mulher, que tem um papel fundamental na inserção do pai nos cuidados, fazendo com que eles se sintam apoiados e estimulados para exercer essas ações.⁶⁻⁷

Objetivos

- Analisar a participação do homem no acompanhamento do puerpério e sua relação para o exercício da paternidade.
- Discutir a contribuição paterna no cuidado da criança durante o puerpério.

Justificativas

Embora a Política de Atenção Integral à Saúde do Homem (PAISH)⁸ aponte para a maior incorporação dos homens nos serviços de saúde, estudos⁹ apresentam uma tendência à mudança no exercício da paternidade, ainda que seja incipiente. Sendo assim, é importante modificar o enfoque atual da assistência à saúde à mulher gestante, e também considerar a inserção dos homens nesse processo, a fim de que cada vez mais eles se identifiquem com o

cuidar de seus filhos. Para isso, os gestores e os profissionais de saúde precisam incluir novos elementos que resultem em uma atenção à saúde mais humanizada, baseada no reconhecimento e no respeito aos direitos dos usuários dos serviços de saúde.

Portanto, considera-se que esta pesquisa é relevante para compreender o envolvimento paterno no puerpério e identificar o resultado desse envolvimento no exercício da paternidade. Os dados obtidos podem auxiliar os profissionais de saúde a refletirem acerca da prática vigente, dotada ainda de pouco estímulo ao envolvimento paterno no ciclo gravídico puerperal, levando-os a estimular esses pais a participarem mais ativamente das fases da gestação, consequentemente diminuindo a distância histórica dos pais em relação a esse ciclo com a formulação de novas práticas que, sem dúvida, implicam na revisão das concepções de gênero, família e paternidade tradicionais.

A paternidade é um processo em que o homem precisa se envolver valendo-se de seus conhecimentos e habilidades, de forma afetiva, nos cuidados com o filho e a gestante.¹ O exercício da paternidade independe de ser pai biológico, e representa o ato de cuidar, prover, proteger, educar e amar seu filho de maneira incondicional e holística. Sendo assim, a Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (SMSDC/RJ) criou o Movimento pela Valorização da Paternidade, que tem como desafio contribuir para que o homem se sinta valorizado como pai e tenha oportunidades de receber informações, trocar experiências, desenvolver habilidades de cuidado e formar vínculos significativos com os filhos.⁹

MÉTODOS

Trata-se de pesquisa documental com abordagem qualitativa. A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico; ou seja, esses materiais são quase sempre a base da investigação, podendo ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.¹⁰

A pesquisa qualitativa organiza-se em alguns pontos fundamentais, como por exemplo:

Relações entre indivíduo e sociedade; entre ação, estrutura e significados; entre fato e valor (...) valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos (...) o universo do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam.¹¹

Coleta de dados

Os dados necessários a esta pesquisa foram obtidos no banco de informações gerado pelo Projeto “A participação paterna no pré-natal, parto e puerpério: opção ou imposição”. O banco de dados primário foi construído entre 2013-2014, a partir de entrevistas realizadas junto aos pais presentes nas Unidades da Estratégia Saúde da Família da Coordenação da Área Programática 2.1, que participam

dos grupos educativos de puericultura e/ou pais que estão presentes acompanhando a vacinação da criança.

Foram considerados e incluídos como “pais” as figuras masculinas que são uma referência de cuidado e afeto para mãe e criança, tais como: padrastos, namorados das mães, cônjuge e/ou companheiro.

Este estudo foi aprovado nos Comitês de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (SMSDC/RJ) sob os números 541.462 e 527.958, respectivamente.

Para analisar os dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo¹² com categorização por caixas. Para as perguntas fechadas foi utilizada uma matriz com os dados e a frequência apontada dos participantes. Para a pergunta aberta foi realizado o agrupamento dos cuidados indicados, utilizando frases que apontavam elementos comuns referentes ao cuidar. Para efetuar esse agrupamento, empregou-se a categoria pré-formada: Cuidado Paterno no Pós-parto e as Subcategorias: cuidados diretos relacionados ao bebê e cuidados indiretos relacionados ao bebê.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 39 (100%) pais informantes, 10 (26%) tinham idades entre 30 e 34 anos e 9 (20%) entre 20 e 24 anos; 16 (41%) consideraram-se pardos; 14 (36%) brancos, 6 (15%) morenos, 1 (2,6%) negro, 1 (2,6%) amarelo e 1 (2,6%) mestiço. Quanto à religião, 19 (49%) eram católicos, 13 (33%) afirmaram não ter religião, 6 (15%) eram evangélicos e 1 (3%) budista. Todos confirmaram ter profissões que exigiam apenas o nível médio e/ou fundamental de escolaridade, 11 (28%) tinham nível médio completo de escolaridade, 8 (20,5%) nível médio incompleto, 8 (20,5%) o ensino fundamental incompleto, 4 (10%) o ensino fundamental completo, 4 (10%) o ensino superior incompleto, 3 (8%) o ensino superior completo, e 1 (3%) nada informou. Dentre os participantes, 29 (74%) relataram viver com a esposa e os filhos, 4 (10%) disseram que viviam sós, 17 (44%) informaram que tinham apenas 1 filho, e 11 (28%), que tinham dois filhos.

Durante a análise dos dados sobre o auxílio do pai no cuidado da mãe e do bebê, avaliou-se que todos os participantes relataram auxiliar nos cuidados com a criança, direta ou indiretamente. Entende-se que **cuidados diretos** são aqueles que o pai realiza diretamente na criança, tais como: banhar, colocar para dormir, trocar fraldas e observar a vigília. Quanto aos **cuidados indiretos**, configuram os que não são realizados na pessoa física da criança, mas contribuem para o zelo e o conforto da mesma, tais como: trabalhos domésticos, auxílio na amamentação e respeito ao resguardo. Com isso durante a entrevista foi descrita uma lista de cuidados, citados a cima, na qual constava a realização ou não, como demonstrado abaixo.

Quadro 1 – Lista de cuidados realizados.

Auxílio na amamentação	Banho da criança	Colocar a criança para dormir	Respeito ao resguardo	Troca de fralda	Trabalhos domésticos	Vigília
29	34	33	32	37	32	35

Analisando o significado, para os entrevistados, de ser um bom pai, dentre os 39 participantes apenas 1 não quis opinar. Os principais temas abordados foram: estar presente, educar e ensinar, cuidar e ser participativo, e dar carinho.

Quadro 2 – Significados de ser um bom pai.

Significados	Número de Respostas dos Participantes
Estar presente	19
Educar e ensinar	9
Cuidar	7
Ser participativo	7
Dar carinho	5
Atenção	5

O papel de gênero assumido pelo pai ficou resumido à educação e disciplinamento dos filhos, de acordo com as regras impostas socialmente, o que de certa forma contribuía para uma interação e participação reduzidas nos cuidados diários, principalmente nos primeiros anos de vida.¹³

Nos últimos tempos, este cenário vem cada vez mais se alterando, embora a visão da paternidade nos moldes da masculinidade hegemônica, ou seja, o pai provedor, ainda esteja presente. No entanto, esta provisão é associada à preocupação “com a educação e o ensinamento de valores, que estão intimamente ligados às questões afetivas que permeiam os discursos, retratando claramente a influência da nova paternidade no contexto familiar dos participantes”.¹⁴ Esse discurso também está presente em outras pesquisas realizadas com jovens pais.²⁻¹⁷ ver como separa.

Neste estudo observou-se que dentre os cuidados listados e apresentados aos entrevistados, 29 pais (74,4%) auxiliavam na amamentação, 34 (87,2%) no banho do bebê, 33 (84,6%) colocavam a criança para dormir, 32 (82,1%) respeitavam o resguardo, 37 (94,9%) trocavam a fralda, 32 (82,1%) ajudavam com os trabalhos doméstico e 35 (89,7) observavam a vigília.

Por meio da categoria prévia ‘cuidado paterno no pós-parto’, foram alocadas as escolhas dos participantes em duas Subcategorias, a saber: ‘cuidados diretos relacionados ao bebê’ e ‘cuidados indiretos relacionados ao bebê’, permitindo observar que a média de pais que realizavam cuidados diretos aos bebês era de 34,7 (88,9%), enquanto a média de pais que realizavam cuidados indiretos era de 31 (79,4%). Esses dados mostram que a maioria dos entrevistados estava participando do cuidado com o bebê

de forma ativa, o que é um progresso na mudança da percepção dos homens sobre o que é o exercício da paternidade, e no fato de conseguirem colocar em prática o cuidado.

Dentre os participantes que auxiliaram na amamentação, 3 (10,3%) demonstraram a importância de participar, dando a mamadeira ou segurando a criança, como fica explícito em suas falas: Dou de mamar a ele na mamadeira (E.16), ou dando alimentação complementar:

Quando ele fica comigo, eu dou a alimentação dele, eu faço uma saladinha bem picotadinha (...) tem brócolis, couve-flor, inhame, batata doce (...). Ele vai fazer um ano. Eu faço bem picotadinho e boto em um pratinho (E.18).

Ficou evidente que os pais entendem a importância da amamentação e conseguem articular os conhecimentos acerca das vantagens nutricionais e psicológicas do aleitamento materno, contribuindo para o estabelecimento do vínculo mãe-filho e para o sentimento de realização da maternidade por parte das genitoras, tendo assim um papel valioso nesse cenário e colaborando, de certa forma, para o preenchimento de lacunas teóricas acerca da participação do homem nesta atividade¹⁷:

Eu participo, faço tudo, então todos os cuidados que ele precisar hoje eu acho que faço todos, tirando dar o leite, não é?, botar no peito às vezes eu até tento, de vez em quando (E.34).

Enquanto isso, dois outros participantes demonstraram certa inquietação quanto à sua participação na atividade de amamentação, que pode estar relacionada ao fato de que muitos homens ainda estão presos aos papéis de gênero a eles atribuído pela sociedade^{13,18} que resgata o perfil do pai antigo, disposto a impor suas regras, autoritário, que se eximia dos compromissos e das demonstrações de afeto para com os filhos, criando uma relação marcada por indiferença e distanciamento, como observado nas seguintes falas:

Não, isso aí (amamentação) deixo com ela (E.20), Amamentação não, fora amamentação (E.34).

Quanto ao banho no bebê, três pais aparentaram estar envolvidos, mas não diretamente, demonstrando que talvez este distanciamento ocorra por eles se sentirem inseguros diante da situação, achando que a tarefa a ser desenvolvida não será feita adequadamente, ou até por medo de machucar a criança, deixando-a cair. A desculpa para este afastamento dos cuidados de higiene relacionados ao filho, pode estar ligada ao fato de existirem pessoas próximas consideradas “mais aptas” para realizá-los.¹⁴

Embora a participação do pai no contexto familiar esteja mudando, a crença de que os homens são inábeis para cuidar dos filhos acaba de certo modo excluindo-os desta tarefa¹⁹⁻²⁰, como relatado por um dos participantes:

Banho (...) só não dei banho, mas comida assim, troco fralda. Coloco para dormir (E.20).

Em se tratando de outras atividades relacionadas a trabalhos domésticos, fazer compras, seguir recomendações, levar na escola etc, os pais revelaram ser participativos, como demonstrado nas falas seguintes:

Levar ao médico, vacinação, furar a orelhinha. Principalmente na vacinação por que a mãe não aguentava ver a neném levar injeção, então eu sempre segurava minha filha para tomar injeção (E.30), Eu fiz tudo porque eu fiquei como doméstico na casa (...) fazer as coisas que ela fazia, porque ela tem que ficar de resguardo, não fazer nada, então, um pai presente é Amélia [risos] (E.35).

Uma possível explicação para a maior participação paterna no cuidado, pode ser a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, levando os homens a começarem a dividir com elas os trabalhos domésticos e a criação das crianças.^{13,20-22}

Em relação ao entendimento dos participantes sobre o que seria “ser um bom pai”, destacaram-se os principais temas: estar presente, cuidar da criança, dar atenção e carinho, ser participativo e dar educação, com maior ênfase para o fato de ser participativo na vida do filho e estar presente em seu desenvolvimento. Por isso, é de extrema relevância que os homens sejam incentivados a exercer a paternidade, considerando que é através desse contato com os filhos que os pais estabelecem uma relação de afetividade, cuidado etc. Também foi destacada a questão da presença física do pai e sua participação nas atividades, além da orientação quanto ao certo e ao errado buscando, desse modo, ser um exemplo para seus filhos.

Ah! ser bom pai é dar carinho, atenção, entendeu? Acho que ser um bom pai não é só você dar as coisas. Tem que estar presente em todos os momentos (E.2), Participar de todas as fases da criança, desde o nascimento até caminhar sozinho (E.5).

A participação dos pais nos cuidados com os filhos tem mudado porque os homens não desejam reproduzir o modelo distante e pouco afetivo que receberam de seus pais. Nesse sentido, a maneira como os genitores desempenham seu papel com os filhos influencia diretamente na forma como esses homens enxergam o fenômeno da paternidade e no modo como eles desejam

atuar.²² Sendo assim, é vista como ideal a ser seguido, e quando ocorre um certo distanciamento dos pais devido a questões como, por exemplo, o divórcio, é possível perceber um sentimento de culpa e decepção em relação ao cuidado e ao fato de não se considerarem bons pais, devido à falta de participação na vida ativa da criança, como pode ser observado na fala a seguir:

Tai, é uma coisa que eu não sou no momento não é?, devido a essa minha distância, não é?, eu queria ser mais próximo da minha filha [decepção] mas devido a esses problemas, eu estou meio afastado, queria ser mais participativo (E.33).

Diante do exposto, pode-se notar que os homens mostraram-se participativos, seja fazendo algo que eles considerem mais complexo em se tratando de atividades relacionadas ao papel de gênero da mulher, ou desenvolvendo atividades mais simples como levar a criança para a escola, seguir recomendações etc. Como testemunhado nos estudos de Ramires, 1997, na literatura²⁴⁻²⁵ que analisa o exercício da paternidade e a trajetória paterna no século XX, mostrando as tendências dos cuidados do homem junto aos seus filhos, a participação dos pais no cotidiano dos seus filhos vem mostrando ao longo da história a mudança do comportamento paterno, em que o pai passa a se tornar mais presente e a contribuir para a estruturação psíquica e o desenvolvimento social e cognitivo da criança,¹³ levando a crer que o exercício da paternidade está rompendo, em certo ponto, com os modelos tradicionais de masculinidade que ainda perderam nos dias de hoje.

Contudo, notou-se que poucos são os homens que decidem ou têm disponibilidade para cuidar das crianças no dia a dia, e assim, continuam sendo reconhecidos majoritariamente por seus papéis de gênero.¹⁹⁻²⁰ Isto significa que, independente de exercerem o cuidado com os filhos e realizarem algumas atividades domésticas, eles pouco são reconhecidos por atitudes que a sociedade vê como sendo papel da mulher, o que acaba contribuindo para uma certa insegurança por parte dos homens, que os leva a sentir que as atividades desempenhadas não foram consideradas de tanta importância.¹⁴ (REIS, 2015)

CONCLUSÕES

De acordo com o que foi observado no estudo acerca da participação paterna nos cuidados dos filhos, notou-se um certo progresso na inclusão dos pais, não só nos cuidados diretos realizados na pessoa do filho, mas também nos afazeres domésticos, dando suporte à esposa e permitindo-lhe maior interação com o bebê. Diferentemente do papel idealizado para os pais pela sociedade, esses homens veem mostrar que o cuidado não é só a provisão material, de recursos domiciliares e pessoais, mas sim, a participação na vida do

filho, aconselhando, estando presente nos momentos em que eles necessitarem, dando-lhes atenção e carinho, além de educar para a vida.

Por isso, é de extrema relevância que os homens sejam incentivados a exercerem a paternidade, pois, é através desse contato com os filhos que estabelecem uma relação de afetividade, cuidado, autonomia, respeito, principalmente contribuindo para a diminuição da desigualdade de gênero. Tem-se, assim, como uma evolução para o exercício da paternidade, a licença paternidade estendida de 5 dias para 20 dias conforme determina a Lei 13.257/2016, que no seu artigo 38 prorroga a duração da licença paternidade.

É interessante, por fim, dar mais atenção a essa área, como cita o relatório da paternidade no mundo, que fornece 6 medidas para tentar transformar essa situação, destacando-se a criação de planos e ações nacionais e internacionais visando a divisão igualitária dos cuidados com as crianças, a paternidade não violenta, levando essas políticas e ações para as instituições públicas com o objetivo de observar a igualdade na participação.

REFERÊNCIAS

1. Pontes CM, Alexandrino AC, Osório MM. O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo. Rev. bras. saúde matern. infant. Out-dez 2009; 9(4):399-408.
2. Freitas WMF, Coelho EAC, Silva, ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. Cadernos de Saúde Pública.2007. 23(1): 137-145
3. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Informe da Conferencia Internacional sobre População e Desenvolvimento Cairo, 5 a 13 de setembro de 1994. Disponível em: http://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2004/icpd_spa.pdf Acesso em: 09 fev. 2014.
4. NACIONES UNIDAS. Informe de la Conferencia Internacional sobre la Población y el Desarrollo: el Cairo, 5 a 13 de septiembre de 1994. Nueva York: Naciones Unidas, 1995. Disponível em: http://www.unfpa.org/upload/lib_pub_file/572_filename_finalreport_icpd_spa.pdf Acesso em: 16 dez. 2008.
5. Bustamante, Vânia. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo com homens de camadas. Psicologia em Estudo. Maringá. set./dez. 2005. 10(3): 393-402.
6. Maldonado MT, Dickstein J, Nahoum, JC. Nós estamos grávidos. 11ed. São Paulo(SP): Saraiva; 2000.
7. Ribeiro JP, Gomes GC, Silva BT, Cardoso LS, Silva PA, Streffling ISS. Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. Revista espaço para a saúde. Londrina. Jul/set 2015 16(3) : 73-82
8. Brasil. Ministério da saúde. Política nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Princípios e Diretrizes). Brasília, DF. 2008
9. Brasil. Ministério da saúde, Secretária Municipal de saúde. Unidade de saúde parceira do pai. Rio de Janeiro, RJ. 2009.
10. Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
11. Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.
12. Bardin, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.
13. Benczik, EBP. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. Revista psicopedagogia. São Paulo.2011.28(85)
14. Reis, ACF. A inserção / participação do homem na gestação, nascimento e no cuidado com os filhos. 2015.67f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Alfredo. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro.
15. Reginato G, Garcia M, Dias AC. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. Estud. psicol. (Natal); , set.-dez. 2011.16(3):253-261. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>
16. Veiga, MBA. A paternidade na visão de jovens pais na perspectiva de gênero. Dissertação de Mestrado em Enfermagem. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
17. Brito RS, Oliveira EMF. Opinião do pai sobre o aleitamento materno. Rev. RENE 2006; 7(1): 9-16
18. Costa JF. Ordem médica e norma familiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal;1989.
19. Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15(1), 9-16. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15253/rev%20rene.v7i1.5352>
20. Crepaldi MA, Andreani G, Hammes PS; Ristof CD; Abreu SR. A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. Psicol. estud., Maringá. Dec. 2006.11(3):579-587, Disponível em www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3_a13.pdf
21. Staudt ACP & Wagner A. Paternidade em tempos de mudança. Psicologia: Teoria e Prática.2008.10(1):174-185. Disponível em : http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100013
22. Gabriel MR & DIAS ACG. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. Estudos de Psicologia. Setembro-dezembro/2011.16(3):253-261. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>
23. Ramires, VR. O exercício da paternidade hoje. A paternidade no ponto de vista do homem do final do século XX. Editora Rosa dos tempos. 1997. 85p.
24. Badinter, E. XY: sobre a identidade masculina. Tradução de M. C. I. Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993
25. Sutter C, Maluschke JSNFB. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, pp. 74-82, jan./mar. 2008.
26. Oliva TA, Nascimento ER, Espírito Santo FR. Percepções de homens: pré-natal e parto e suas parceiras. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro. Jul/set.2010, 18(3):435-40. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a17.pdf>

Recebido em: 04/07/2017

Revisões requeridas: Não houveram

Aprovado em: 12/07/2017

Publicado em: 15/01/2019

***Autor Correspondente:**

Adriana Oliveira do Nascimento

Rua Aliomar Hermínio Pereira (Antiga Piancó), 61

Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: adrianaodn@outlook.com

Telefone: +55 21 97639-4896

CEP: 21.060-500